

CONCERTO LÍRICO

15 poetas 15 anos depois

JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

organização, seleção e notas

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019

*Poesia é um sonho apenas.
Mais que um sonho,
É apenas.*

MYRIAM FRAGA

*E do anonimato dos dias
Tenho feito poesia secreta
E prosadura.*

RITA SANTANA

Escrever é meu credo.

ROBERVAL PEREYR

PEIXES

Nadam peixes no meu rosto
em águas pressionadas pelas rugas
perto dos olhos.

As águas não descem
e não sobem

ficam suspensas
com num reservatório.

O meu rosto é um aquário
só não há colorido nele

mas peixes sobrevivem belos
corroendo a minha pele.

[Mulheres, poetas & baianas, 2018]

PAI

Onde pai andará nesse instante?
Abrindo cancelas, com auréolas de rei,
em sua roça de milho, eterna?

Buscando as sandálias ao entardecer,
como tanto fazia antes?
Fechando as janelas, com a chegada da noite?

O que de hábito permaneceu, à distância,
nesses dezoito anos de ausência,
para que continuasse tão perto?

Decerto o chão de nossa casa
com o vermelho cimento encerado
fazendo espelho aos seus pés

Decerto essa frágil permanência
do outro lado, onde tudo reverbera
em aquiescência e abandono

Decerto o mundo, mesmo,
com suas vertigens de sonho,
trazendo-o como dono; de tudo.

[Poema inédito]

MINHA SANTA CECÍLIA

Para Kátia Borges

Minha Santa Cecília,
povoi o crânio de quem amanhece
com a alma escapada da poesia!
Dai-me, Santa Cecília,
teu cajado emprestado
para eu pastorear minhas nuvens
levando-as para bem longe...
Ah minha Santa Cecília,
descei de onde estás e aquece
esses versos sem paradeiro certo
esses versos de sons quebrados
esses versos feios e malfeitos.
Adornai, minha Santa
a alma de plantas e palavras.
E quando eu acordar bem cedo
soprai para mim duas vezes
o mais leve segredo.

PLACA DE JARDIM

Mesmo com as flores do mato
é preciso ter cuidado:

desde as simples margaridas,
às exóticas orquídeas.

E até com os cravos de defunto:
é preciso muito, muito tato

Uma porção enorme
de delicadeza, um furto

para tocá-las sem toque
Apenas olhá-las, com o olfato

[Poema inédito]

NOMES

Oh nomes antigos, líricos e desaparecidos!
Conheci uma Dolores, alva como uma nuvem,
alta, típica solteirona antiga. Conheci uma Margarida,
dona de casa, usando longos vestidos de chita; e uma dona,
de nome Alda, que abandonava até uma viagem
para assistir Saramandaia, e depois O astro.
E dona Alba? Aristocrata, com manchas senis nos braços
grudados no peitoril da janela, após tocar Bach
no seu piano centenário.

Que pena! Nenhuma Aurora conheci de fato, só nos retratos,
vestida de longas saias, com o braço direito
atado ao marido. Mas conheci Clotildes, uma bonita senhora
com sotaque corrido, e que me dava bolos em sua despensa
como uma grande dona de fazenda. Conheci Margentina,
professora que queria ter uma filha só para batizá-la
de Constança. Não teve a filha, e eu, vigilante da vida, pergunto:
Onde estará Constança? Cumprindo sua longa sina
de esperar vir ao mundo com esse nome?

Penso que não conheço mais ninguém
chamada Vitalina. Ou Etlvina. Ou Eufrosina.
Onde estarão os nomes airosos, que desapareceram?
Quem chamará sua filha mais nova de Rosa? Ou Bela?
Maria resiste, simples como regato em terra de águas;
mas Adalgisa, oh, Adalgisa não, não é mais dela
esse mundo, esse plano; vive apenas, coitada
nos grandes versos drummondianos.

[Poema inédito]

CÍRCULO

Há uma aura entre eles
que se fecha num círculo:
uma aura invisível e fina
translúcida como uma pena.

Quem costura para o mundo
dos defuntos, sabe. Quem segura
a última camada de alma
antes do morto ser enterrado, sabe.

Não há palavra que diga, há sentidos
e sentimentos, nesse ar que tudo evapora:
só não aos dois, apaixonados, ligados que estão
pela aura, fechados no círculo de agora.

[Poema inédito]

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em dezembro de 2019.
